

Senhor Primeiro Ministro e Senhores membros do Governo,

Senhores Reitores e Presidentes de Conselhos Gerais

Demais autoridades, convidados e membros das comunidades académicas das universidades signatárias (... listadas pelo meu colega António Fontainhas)

Saúdo e agradeço a vossa presença para testemunharem e dignificarem esta cerimónia que assinala algo intrínseco à instituição universitária ... a reinvenção da Universidade!

Quero partilhar convosco 3 ideias estruturantes para o Consórcio UNorte.pt.

#1 A Universidade está (em mais) uma encruzilhada da (sua) história

No decurso da sua já longa história, a Universidade, expressão maior da contribuição da Europa para o desenvolvimento da humanidade, foi capaz de agir criativamente face aos sucessivos desafios com que foi sendo diacronicamente confrontada, ao mesmo tempo que atuou, por vezes de forma decisiva, como agente de mudanças educacionais e científicas, e de transformações políticas, sociais, e económicas.

No último quartel do século XX a instituição universitária entrou em profunda reconversão, para o que contribuiu:

- o expressivo alargamento do número de pessoas que passaram a frequentá-la, num quadro de progressiva democratização dos saberes académicos;
- a sua cada vez maior importância como *locus* de produção de conhecimento novo;
- a sua conceção como lugar a que as pessoas podem voltar em qualquer momento das suas vidas, para expandirem os seus conhecimentos e aprofundarem as suas competências;
- a procura de novas articulações com a sociedade, reforçando o seu papel no desenvolvimento social e económico, através da transferência de conhecimento e de tecnologia.

No século XXI, a globalização e a maior centralidade no conhecimento, bem como a utilização intensiva deste no desenvolvimento e na geração de riqueza, colocam ainda maiores desafios a pessoas, organizações e países, e ..., por maioria de razão, às Universidades.

De facto, a educação superior enfrenta hoje grandes transformações, num quadro caracterizado pela volatilidade do conhecimento, resultante do enorme aumento da produção científica, bem como pela maior facilidade em a ele aceder.

São conhecidos os desenvolvimentos muito relevantes ao nível do ensino mediado por plataformas eletrónicas que vão generalizar ainda mais o acesso a ofertas educativas, impondo novos referenciais que se traduzirão num aumento de qualidade e exigência sobre práticas e suportes pedagógicos.

O ensino presencial ver-se-á compelido a um processo de reconfiguração que exponha o estudante a uma experiência de aprendizagem multidimensional e multirrelacional.

Este quadro e estes desenvolvimentos vão a alterar significativamente os modos como se ensina e como se aprende na Universidade.

Estas novas condições e os novos objetivos, que concomitantemente foram sendo assumidos pela Universidade ou que lhe foram cometidos, aumentaram a concorrência interinstitucional, que hoje tem grande expressão nos contextos nacionais e globais.

A massificação e a maior abertura ao exterior amplificaram a tensão, desde há muito presente no interior da Universidade, entre a estabilidade requerida pela transmissão do conhecimento e a mudança associada às dinâmicas da sua produção, bem como aos modos e contextos da sua aplicação.

A continuada afirmação da relevância da Universidade e a sua sustentabilidade futura exigem a procura do equilíbrio entre estes posicionamentos, de modo a articular solidez científica e qualidade de ensino com a capacidade de responder aos desafios com que as sociedades contemporâneas se confrontam.

Este balanço deve ser específico de cada universidade, das respetivas realidades, áreas de atividade e envolvente, traduzindo diferentes modos de concretizar a sua missão e a sua estratégia.

Nas universidades públicas, essas opções estratégicas e de governo têm que assentar num princípio primordial de prestação de serviço público, com centralidade nos estudantes, mas também na sociedade, com cujo progresso intelectual e bem-estar económico e social devem estar profundamente comprometidas.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

De facto, a mudança esteve sempre presente ao longo da história Universidade.

Foi assim quando a universidade medieval deu lugar ao experimentalismo;

... foi assim no aparecimento da universidade liberal e humanista de John Newmam,

... da Universidade profissionalizante de Napoleão,
... da Universidade de investigação de Humboldt,
ou da Universidade social de Ortega y Gasset.

Terá de ser assim neste tempo, em que a Universidade esta novamente perante a oportunidade e a necessidade de reinventar o seu posicionamento, de buscar novas formas de inscrição num contexto marcado por grandes tensões geradas por realidades globais e especificidades regionais.

Para a Universidade do Minho e para as Universidades deste Consórcio, este novo posicionamento tem de ser perspectivado de forma dual:

- no espaço global, o lugar por definição da Universidade e da sua natureza internacionalizada e holística;
- no espaço Regional, o seu espaço de proximidade que, por missão tem o dever de ajudar a desenvolver;

#2 Autonomia para cumprir o futuro

Por tudo o referido, as universidades, independentemente da sua dimensão, deverão ancorar a sua relevância na qualidade das suas atividades, bem como em marcas identitárias próprias, através de opções como, por exemplo, a especialização em áreas de produção e disseminação de conhecimento, a busca de perfis diferenciados e externamente reconhecidos para os seus graduados; bem como, o desenvolvimento de mecanismos específicos de interação com a sociedade.

A prossecução de um projeto autónomo exige:

- visão e convergência em torno de uma ideia de Universidade, institucionalmente assumida e explicitada;
- um sistema de governação eficiente e capaz de garantir, simultaneamente, responsabilização e autodeterminação;
- uma liderança reconhecida e capaz de mobilizar a comunidade académica;
- e uma cultura de responsabilização, assumida por todas as estruturas académicas e administrativas, subsidiária de uma instituição coesa e consciente das suas tomadas de decisão.

Neste contexto, o pressuposto essencial de um sistema de governação moderno e capaz de responder aos desafios da Universidade do século XXI é a autonomia universitária, entendida como indispensável à concretização de um projeto próprio, ainda que permanentemente aberto ao escrutínio da sociedade que deve servir.

Autonomia, é igualmente fundamental para encontrar e construir quadros de cooperação estratégica entre universidades que entendam que o cumprimento dos seus desígnios e das suas missões são melhor consumados de modo partilhado e no alinhamento com estratégias nacionais e ou regionais.

#3 A Esperança e a oportunidade europeia

A Universidade... tal grande criação europeia deve (tem de) acreditar e ajudar a construir essa Europa... algo que para Eduardo Lourenço “*é difícil de fazer ... porque cada país europeu é uma maneira de ser Europa*”.

Mas é nesta diversidade, em que encontramos espaço para as nossas identidades culturais, e na necessidade de estruturarmos a competitividade europeia em torno de apostas diferenciadas mas convergentes em grandes objetivos mobilizadores, que assenta o conceito estruturante do novo quadro europeu 2020 – as estratégias regionais de especialização inteligente - as RIS3 (*Regional Innovation Strategies for Smart Specialization*).

É um novo modelo de desenvolvimento que confere grande centralidade às instituições universitárias convocando-as para uma articulação com os agentes da economia e as entidades gestoras do território.

As estratégias RIS3 são um enorme desafio, mas uma janela de esperança que nos deve levar a acreditar no futuro.

Um futuro em que estamos empenhados em construir em parceria com outros agentes regionais, com as empresas com quem temos importantes parcerias, com as nossas autarquias, com a CCDR-Norte...

A Força do Consórcio UNorte.pt

Assim, é porque acreditamos na Universidade e na sua capacidade de reinvenção e adaptação... é porque acreditamos na nossa capacidade de desenvolvermos projetos autónomos e diferenciados; é porque acreditamos numa Europa construída a partir das identidades, competências e especificidades das suas Regiões, que estas três Universidades estão convictas que podem continuar a servir (... mas servindo melhor) a Europa, Portugal e a Região Norte se forem capazes de aprofundar o seu espaço de cooperação, e de alinhar e articular as suas estratégias autónomas de desenvolvimento e crescimento (sim, o futuro desta Região exige o crescimento das suas Universidades!).

Se dentro de 1 a 2 anos, os planos estratégicos de cada Universidade, aprovados pelos seus Conselhos Gerais, estiverem articulados com as opções estratégicas das outras universidades e ... todos eles com a estratégia da Região ... estaremos a ganhar o futuro!

Senhor Primeiro Ministro,
acreditamos que este Consórcio e a estratégia da Região podem ser modelo de boas práticas europeias neste domínio. Importa que o Governo seja parceiro

da construção desse futuro, parceria em que acreditamos e que já sentimos, nomeadamente com a sua presença nesta cerimónia.

Mateus

Uma palavra final para o simbolismo do local que nos acolhe.

Mateus tem sido, ao longo dos anos,

um lugar de cultura e de saber

um lugar de pensamento e reflexão

um lugar de encontro... também de universidades

De facto, foi também aqui, num desses encontros, que começamos falar do que poderia ser o Consórcio UNorte.pt.

Sabemos que aqui, temos um lugar... onde nos sentimos bem, quando precisamos de pensar!

Feliz o País e a Região que tem um lugar assim!

Feliz o País e a Região que têm universidades que querem construir juntas o seu futuro coletivo.

Muito Obrigado